

UMA ANÁLISE DO SERVIÇO SOCIAL NO CONTEXTO DA CATEGORIA TRABALHO

Patricia da Silva Monteiro^{*}
Jocelina Alves de Souza Coelho^{**}
Elaine Nunes da Silva^{***}

RESUMO

O Serviço Social não é uma profissão que se inscreva, predominantemente, entre as atividades diretamente vinculadas ao processo de criação de produtos e de valores. Isso não significa a sua exclusão da produção social em sentido amplo, nos quais estão envolvidos os processos de produção, distribuição, troca e consumo. Na sociedade capitalista, o Serviço Social pode ser incluído entre as atividades que, não sendo diretamente produtivas, são indispensáveis ou facilitadoras do movimento do capital. Para o desenvolvimento das reflexões aqui apresentadas, tomamos como eixo teórico norteador as categorias marxianas trabalho concreto e trabalho abstrato para o entendimento do serviço social.

Palavras-chaves: Serviço Social; Categoria Trabalho; Trabalho Concreto e Trabalho Abstrato.

ABSTRACT

The Social Work does not is involved on activities, predominantly, linked to the process of creation of products and values. That doesn't mean its exclusion of the social production. In the capitalist society, the Social Work can be included among the activities that does not is directly productive. However, they are indispensable or facilitative to movement of the capital. In order to understanding the social work was theoretical categories work and labour.

Key-words: Social Work, Work Category, Work, Labour

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte da afirmativa de que o Serviço Social não é uma profissão que se inscreva, predominantemente, entre as atividades diretamente vinculadas ao processo de criação de produtos e de valores.

Embora não ocupando uma posição na produção, stricto sensu, como o que ocorre com outras profissões de carácter técnico, isso não significa o seu alijamento da produção social em sentido amplo, como uma atividade de produção, distribuição, troca e consumo.

* Assistente Social, mestranda em Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL

** Assistente Social do INSS, Especialista em Serviço Social e Política Social pela UNB, Membro da Diretoria do CRESS 16ª Região, como Tesoureira (gestão 2002/2005) e Mestranda em Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL;

*** Assistente Social, mestranda em Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL

No processo de produção e reprodução capitalista, o serviço social pode ser incluído entre as atividades que, não sendo diretamente produtivas, são indispensáveis ou facilitadoras do movimento do capital.

Para chegarmos a essas conclusões exigiu-se, em primeiro lugar, o entendimento de questões como reprodução social, trabalho, sociedade capitalista e serviço social. Em segundo lugar, buscaremos o entendimento da categoria trabalho em sua dupla dimensão: trabalho concreto e trabalho abstrato. Em seguida, situaremos o serviço social entre essas categorias.

Abordaremos esses temas guiados pela discussão central: Serviço Social é trabalho? Entretanto, não temos a pretensão de esgotar a discussão sobre o tema proposto e nem pretendemos alcançar respostas definitivas, por outro lado partimos da certeza de que daremos uma colaboração ao leitor no entendimento da discussão.

2 REPRODUÇÃO SOCIAL, TRABALHO, SOCIEDADE CAPITALISTA E SERVIÇO SOCIAL

O que diferencia um ser humano de um animal? Podemos responder a essa pergunta de várias maneiras. Uma delas é que nós, humanos, fazemos parte da natureza. Comemos, bebemos, respiramos, reproduzimos, envelhecemos e morremos. Até aí somos iguais aos animais. Porém, apenas os seres humanos são capazes de trabalhar teleologicamente intervindo na natureza para transformá-la, a fim de satisfazer suas necessidades de reprodução enquanto ser social.

O trabalho para Marx (1867, p. 297) “é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ao atuar sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza”.

É na vida em sociedade que ocorre a produção. A produção é uma atividade social. Para produzir e reproduzir os meios de vida e de produção, os homens estabelecem determinados vínculos e relações mútuas, dentro e por intermédio dos quais exercem uma ação transformadora da natureza, ou seja, realizam a produção. Assim, produção social é essencialmente histórica e não trata de produção de objetos materiais, mas de relação social entre pessoas, entre classes sociais que personificam determinadas categorias econômicas.

No processo capitalista de produção se expressa uma maneira historicamente determinada de os homens produzirem e reproduzirem as condições materiais da sua existência e as relações sociais através das quais levam a efeito à produção. Neste

processo, se reproduzem, concomitantemente, as idéias e representações que expressam essas relações e as condições materiais em que se produzem, encobrindo o antagonismo nelas presente (IAMAMOTO; CARVALHO, 1995).

Quando a força de trabalho é apropriada pelo capitalista, o trabalhador trabalha sob o controle do capitalista a quem pertence seu trabalho e o produto do seu trabalho é propriedade do capitalista. “O capitalista, mediante a compra da força de trabalho, incorporou o próprio trabalho, como fermento vivo, aos elementos mortos constitutivos do produto, que lhe pertencem igualmente” (MARX, 1867, p. 304).

O desenvolvimento das forças produtivas e as relações sociais desenvolvidas nesse processo determinam novas necessidades sociais e novos impasses que passam a exigir profissionais especialmente qualificados para o seu atendimento como é o caso do serviço social.

O serviço social, para Iamamoto e Carvalho (1995), se gesta e se desenvolve como profissão reconhecida na divisão social do trabalho, tendo por pano de fundo o desenvolvimento capitalista industrial e a expansão urbana, processos esses aqui apreendidos sob o ângulo das novas classes sociais emergentes – a constituição e expansão do proletariado e burguesia industrial – e das modificações verificadas na composição dos grupos e frações de classes que compartilham o poder de Estado em conjunturas históricas específicas.

No contexto capitalista o trabalho do assistente social, também, se dá numa relação de compra e venda de mercadorias em que sua força de trabalho é mercantilizada. Esse agente passa a receber um salário, preço de sua mercadoria força de trabalho, em troca de serviços prestados, determinado como o preço de qualquer outra mercadoria, ingressando sua atividade no reino do valor. Uma das pré-condições para tal ingresso é a transformação de sua força de trabalho em mercadoria e de seu trabalho em atividade subordinada à classe capitalista.

Segundo Paulo Netto (2001), é somente na ordem societária comandada pelo monopólio que se gestam as condições histórico-sociais para que, na divisão social (e técnica) do trabalho, constitua-se um espaço em que se possam mover práticas profissionais como as do assistente social. A profissionalização do serviço social não se relaciona decisivamente com a “evolução da ajuda”, a “racionalização da filantropia” nem a “organização da caridade”, vinculam-se com dinâmica da ordem monopólica. A emergência profissional do serviço social é, em termos histórico-universais, uma variável da idade do monopólio. E como profissão, o serviço social é indivorciável da ordem monopólica – ela cria e funda a profissionalidade do serviço social.

3 O SIGNIFICADO DO TRABALHO CONCRETO E DO TRABALHO ABSTRATO

Conforme vimos anteriormente o trabalho para Marx é a categoria fundante do mundo dos homens. E, “todo trabalho é, por um lado, dispêndio de forças de trabalho do homem no sentido fisiológico, e nessa qualidade de trabalho humano igual ou trabalho humano abstrato gera o valor da mercadoria. E, todo trabalho é, por outro lado, dispêndio de força de trabalho do homem sob forma especificamente adequada a um fim, e nessa qualidade de trabalho concreto útil produz valores de uso” (Marx, 1867, p.171).

Com isso percebemos que Marx menciona um duplo caráter do trabalho aquele que *gera valor de uso que é o trabalho concreto* e o que *gera valor da mercadoria que é o trabalho abstrato*.

Marx serve-se de dois termos distintos para melhor caracterizar esta dupla dimensão do trabalho: a) *Work* – realiza-se como expressão do trabalho concreto, que cria valores socialmente úteis; b) *Labour* – expressa a execução cotidiana do trabalho, convertendo-se em sinônimo de trabalho alienado.

O trabalho entendido enquanto *work* expressa então uma atividade genérico-social que transcende a vida cotidiana. É a dimensão voltada para a produção de valores de uso. É o momento da prevalência do trabalho concreto.

Em contrapartida o *labour* exprime a realização da atividade cotidiana, que sob o capitalismo assume a forma de atividade estranhada, fetichizada.

Assim, o trabalho em sua *dimensão concreta* deve ser entendido como atividade vital, como necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio entre o homem e a natureza, transformando objetos naturais em coisas úteis para satisfazer suas carências do estômago e/ou da fantasia. Por isso somente pode ser entendido na esfera da produção.

É a partir do desenvolvimento da consciência - o que Marx chama de desenvolvimento tardio do ser material – que está à essencialidade do trabalho concreto. “A consciência humana deixa, então, de ser mera adaptação ao meio ambiente e configura-se como uma atividade autogovernada. E, ao fazer isso, deixa de ser um mero epifenômeno da reprodução biológica”. (LUKÁCS apud ANTUNES, 2002, p. 138)

Agora analisando o trabalho abstrato, apontamos que esse emergiu a partir do século XVIII, com estreita relação com o capitalismo manufatureiro, consolidando-se na grande indústria. Isso revela que o mesmo não pode, portanto ser separado das condições históricas que lhes deram origem e tampouco do tipo particular de racionalidade que predomina na sociedade capitalista industrial. É somente a partir dessa relação intrínseca com o tipo particular de racionalidade (econômica ou instrumental) que a noção do trabalho

assalariado ganha sentido. Este está estreitamente vinculado com as categorias tempo e dinheiro.

Podemos dizer então, que o *trabalho abstrato* é uma categoria fundamentalmente histórica, cuja origem se torna necessária numa dada época. Ele é circunscrito à sociedade capitalista, que em seu processo de acumulação de riquezas cria trabalhadores necessários à produção e a valorização do capital, os chamados *trabalhadores produtivos*, porque transformam matéria-prima em mercadoria, criando o produto valor e/ou a mais-valia, e os *trabalhadores improdutos* que vivem da redistribuição dessas mercadorias no âmbito da circulação, os que não produzem mais-valia, mas sobrevive do produto valor que o capital produz.

Para Tavares (2004, p. 12), “o trabalho produtivo se distingue do trabalho improdutivo apenas pela função que aquele ocupa no interior da esfera do processo de acumulação: circulação-produção-realização. Nesse sentido, todos os trabalhadores assalariados diretamente pelo capital ou são produtivos ou improdutos”.

Desta maneira, tanto o trabalho produtivo como o trabalho improdutivo, são necessários à produção capitalista, onde ambos são empregados na produção, na circulação, na realização da mais-valia e na reprodução da relação capital/trabalho. Enfim, o processo de desenvolvimento do capitalismo, subordina a todos à lei do seu modo de produção, não excluindo o crescimento dos trabalhadores improdutos pelo fato de estarem fora do processo direto de produção, constituindo-se exteriores ao capital.

Assim, o capital não pode eliminar o trabalho concreto do processo de criação de valores, nem mesmo o trabalho abstrato, pois enquanto o primeiro constitui-se como atividade vital, como elemento fundante, protoforma da atividade humana. O segundo, cumpre papel decisivo na criação de valores de troca na sociedade contemporânea, cuja predominância é movida pela lógica do capital, pelo sistema produtor de mercadorias. O trabalho é, portanto, o único espaço onde o ser social pode, ou não, materializar uma teleologia, o que supõe que o homem é indispensável no processo de trabalho.

4 O SERVIÇO SOCIAL COMO TRABALHO

Como analisamos anteriormente a institucionalização do serviço social como trabalho está embrionada no desenvolvimento do modo de produção capitalista, mais especificamente na passagem do capitalismo concorrencial ao capitalismo monopolista.

O serviço social só pode afirmar-se como prática institucionalizada e legitimada na sociedade ao responder às necessidades sociais derivadas da prática histórica das

classes sociais na produção e reprodução dos meios de vida e de trabalho de forma socialmente determinada.

O serviço social para Paulo Netto (2001) não desempenha funções produtivas, mas se insere nas atividades que se tornaram auxiliadoras dos processos especificamente monopólicos da reprodução, da acumulação e da valorização do capital. Tais atividades, no caso do serviço social, configuram um complexo compósito de áreas de intervenção, onde se entrecruzam e rebatem todas as múltiplas dimensões das políticas sociais e as quais a ação profissional se move entre a manipulação prático-empírica de variáveis que afetam imediatamente os problemas sociais e a articulação simbólica que pode ser constelada nela e a partir dela.

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Netto, para lamamoto (1995), a profissão de serviço social mesmo não se dedicando preferencialmente, ao desempenho de funções diretamente produtivas, pode ser, em geral, caracterizada como um *trabalho improdutivo*, que figura entre os falsos custos de produção, participando, ao lado de outras profissões, da tarefa de implementação de condições necessárias ao processo de reprodução no seu conjunto, integrada à divisão social e técnica do trabalho. Embora não sejam geradoras de valor, tornam mais eficiente o trabalho produtivo, reduzem o limite negativo colocado à valorização do capital, não deixando de ser para ele uma fonte de lucro. São atividades diretamente vinculadas ao controle político-idológico e/ou repressivo e à modernização do aparato burocrático do Estado, necessários à garantia do domínio de classe.

5 CONCLUSÃO

Percebemos que tanto para Netto quanto para lamamoto o serviço social *não desempenha funções produtivas*, podendo ser em geral caracterizado como um *trabalho improdutivo*, mas que se insere nas atividades que contribuem para a viabilização dos processos especificamente monopólicos da reprodução, da acumulação e da valorização do capital. Embora não sejam geradoras de valor, tornam mais eficiente o trabalho produtivo, reduzem o limite negativo colocado à valorização do capital, não deixando de ser para ele uma fonte de lucro. São atividades diretamente vinculadas ao controle político-idológico e/ou repressivo e à modernização do aparato burocrático do Estado, necessários à garantia do domínio de classe.

Consequentemente, o serviço social insere-se no processo de divisão social do trabalho, como mediador, legitimado no conjunto de mecanismos reguladores, no contexto

das políticas sócio-assistenciais, desenvolvendo atividades e cumprindo funções socialmente determinadas, que estão além de sua vontade ou intensão.

Partindo dessa análise, concluímos que o serviço social como profissão é *trabalho*, porém *abstrato improdutivo*, uma vez que está circunscrito à sociedade capitalista como profissão contributiva do desenvolvimento do processo de acumulação de riquezas, através da extração da mais-valia. Isso significa dizer que os assistentes sociais são trabalhadores assalariados, necessários à produção e a valorização do capital, e atuam na esfera dos *trabalhadores improdutivos* que vivem da redistribuição das mercadorias no âmbito da circulação, e que não produzem mais-valia, mas sobrevivem do produto-valor que o capital produz.

O entendimento de todo esse movimento contraditório, é o que vai permitir ao agente profissional compreender que durante a realização do processo de catequização da ideologia dominante, ocorre, também, à luta por direitos sócio-político e econômico, embora de modo precário por parte dos oprimidos. Por se tratar de uma profissão engendrada em uma dinâmica contraditória e antagônica, esse fato, permite ao serviço social participar do processo produtivo desenvolvendo uma ação mitigadora de reprodução material do ser social, possibilitando um comportamento produtivo da força de trabalho, quanto a desenvolver uma ação sócio educativa voltada para o despertar de uma consciência crítica dos usuários.

De posse da compreensão dessa dinâmica social contraditória, o assistente social, mesmo dispondo de relativa autonomia no exercício de suas funções institucionais, durante a realização de suas atribuições profissionais que o coloca diretamente em contato com o usuário, tem a possibilidade de redefinir os rumos da sua ação profissional, conforme seu posicionamento teórico-metodológico face as transformações ocorridas na estrutura da sociedade, expressos nos fenômenos sociais. Ultrapassando, assim, os limites institucionais impostos, a favor da camada subalterna. Desse modo, ele pode contribuir para a manutenção e reprodução de uma forma de sociabilidade contraditória pautada nas desigualdades sociais, assim como, sinalizar alternativas mobilizadoras de transformação do regime de produção vigente.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do Trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6 ed. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. **Adeus ao trabalho**. São Paulo: Cortez, 1998.

FALCON, J. C. **A formação do mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Campos, 2002.

IAMAMOTO, Marilda Villela, CARVALHO, Raul. **Relações sociais e serviço social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 10 ed. São Paulo: Cortez; Lima (Peru): CELATS, 1995.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Renovação e conservadorismo no serviço social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **O serviço social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. São Paulo, Cortez, 1998.

LESSA, S. **Reprodução e Ontologia em Lukács**. Trans/forma/ação. UNESP: Marília, 1994.

LESSA, S. O processo de produção/reprodução social: trabalho e sociabilidade. In: **Capacitação em serviço social e política social**: Módulo 2: Reprodução social, trabalho e serviço social. Brasília: CEAD, 1999.

MARX, K, ENGELS, F. **Ideologia alemã (feurbach)**. 5. ed. São Paulo: Hucitc, 1986.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1996.

PAULO NETTO, J. **Capitalismo monopolista e serviço social**. 3.ed. ampliada. São Paulo: Cortez, 2001.

TAVARES, M. A. **Os fios (in) visíveis da produção capitalista**. São Paulo: Cortez, 2004.

YAZBECK, M. C. O serviço social como especialização do trabalho coletivo. In: **Capacitação em serviço social e política social**: Módulo 2: Reprodução social, trabalho e serviço social. Brasília: CEAD, 1999.